

O HUMOR COMO RECURSO PARA TRATAR DO BIZARRO: TRADUÇÃO E PARATRADUÇÃO EM *FIPPS DER AFFE DE WILHELM BUSCH*

Ronaldo Lima (Professor PGET / UFSC)

1. Introdução

Segundo Yuste Frías (2010), nós, tradutores, lidamos com textos, entidades que existem tão somente em razão de sua relação com os leitores e por estarem integradas a determinadas situações de leitura. Para o autor, a intervenção do leitor sobre o texto é o que o faz existir. Em geral, nós, tradutores, não nos limitamos unicamente ao tratamento do texto, ao seu funcionamento puramente linguístico. Segundo Yuste Frías (2010), o tradutor explora o material textual em sentido amplo, acessando o máximo de informações que emergem do processo exegético do leitor, mas também daquelas situadas nas periferias do texto. Em síntese, ao tradutor cabe considerar o que for passível de ser apreendido como componente que acompanha o texto e permita definir o tipo de relação intertextual e transtextual que o liga a seus paratextos – imediatos e indiretos. Cabe, pois, ao tradutor, se ocupar de traduzir tanto o texto quanto seus paratextos. No primeiro caso, falamos de tradução. No segundo, de paratradução. Traduzimos texto e paratraduzimos paratextos.

A perspectiva teórica de Yuste Frías se inspira nos trabalhos de Genette (1982, 2009), mas ultrapassa seu caráter categorizante, estendendo-se às noções de dialogia e intertextualidade desenvolvidas, respectivamente por Bakhtin (1992, 1993) e Kristeva (1974, 1976). Em relação à segunda noção, considera-se as aplicações propostas por Barthes (1973, 2006, 2007), Riffaterre (1978, 1979), Adam (2005).

No caso das sistematizações que envolvem os processos tradutórios, eventuais categorizações e estratificações envolvendo o texto, naturalmente implicam exames lançados sobre o léxico, a sintaxe e a semântica como forma de ancorar e referenciar denotações, conotações e associações, enfim: para a definição de significações (locais) e sentidos (gerais). Tal procedimento formal constitui uma via incontornável, diante da necessidade de sistematização teórica para o estudo dos textos e das relações entre pares de línguas manifestadas através deles. De modo similar, as análises centradas sobre a parcela conceitual, que desemboca no exame de componentes de cunho antropológico, cultural e político também são passíveis de

categorizações. Logo, não se pode negar os avanços gerados nos últimos anos pelas perspectivas positivistas e seus desdobramentos que desembocaram no estruturalismo linguístico; todavia, o tratamento do texto, sobretudo com vistas à sua interpretação e tradução, só pode ser realizado em se considerando o caráter dialógico intrínseco à linguagem de forma geral e às línguas de modo específico.

No caso do tratamento voltado ao estudo de elementos de natureza humorística, passíveis de gerar o riso, diante das orientações atuais, compartilhadas socialmente, o paratexto parece constituir uma via razoável para mediar eventuais confrontos entre visões deslocadas em termos de tempo e espaço e, eventualmente, passíveis de gerar interpretações e reações descompassadas.

A dialogia, preconizada por Bakthin (1992, 1993), estendida ao conceito de intertextualidade cunhado por Kristeva (1974, 1976) e ampliado por Barthes (1973, 2006, 2007), Riffaterre (1978, 1979), Adam (2005), entre outros, não se opõe, absolutamente, às estratificações científicas formais para o tratamento do texto. Os dois modelos se complementam e participam no tratamento dialético necessário nos ambientes tradutológicos, sejam eles orientados à teorização, à crítica ou à prática. As dúvidas sobre o rigor científico na área da tradução emergem, em geral, de se aceitar a elasticidade inerente às linguagens. Além das flexibilidades decorrentes dos processos interpretativos – ligadas às idiosincrasias do sujeito-leitor, evoca-se aqui a formação psicanalítica do ego-leitor, oscilações dos sentidos gerados por rupturas antropológicas, culturais e políticas. Neste sentido, recursos elaborados com objetivos a instaurar figuras de humor que conduzam ao riso, dependem de operações de ativação de causas, tanto de seus agentes incoativos, quanto de suas atualizações para a produção de efeitos.

No caso de *Fipps der Affe*, estamos diante de representações politextuais – compostas de texto codificado (escrito) e texto imagético (desenhos), característicos da obra de Wilhelm Busch –, assim como dos campos anexos que os circunscvem de forma paratextual, com base nas noções de dialogia e de intertextualidade, acima aludidas, intrínsecas às expressões culturalmente inseridas em grau antropológico, cultural e político. Ambas as expressões empregadas por Wilhelm Busch refletem a intenção de transgredir o caráter canônico de objetos e processos, que como pondera Bergson (2001) e Propp (1992) constitui um dos recursos eficazes à composição do humor e eventual geração do riso.

2. Contextualização

Tendo em vista a opção de se discutir *Fipps der Affe*, de Wilhelm Busch, a imagem, enquanto expressão, se eleva à condição de texto, ocupando o mesmo patamar do código escrito. Em termos de desenho, parece haver componentes mais transcendentais e universais nas representações, se comparadas ao código escrito. Em termos de pintura, as transformações geradas, por exemplo, pelo impressionismo no final do século XIX marcam o início do surgimento de uma sucessão de novos modelos de representação que romperiam com a noção seminal herdada, entre outros, de Platão em relação à mimesis. Aliás, perspectiva retomada durante o Renascimento e repetida até o final do século XIX. As mudanças de paradigma, que se verificam com a chegada do século XX, mostram-se pontuais em expressões artísticas como a pintura e a escultura. Todavia, é inegável que as rupturas se manifestem de forma menos abrupta quando implicam componentes de natureza linguística. Mesmo que se possa contornar marcas ideológicas presentes na língua, através da literatura enquanto arte, como sugere Barthes (2007), o material linguístico permanece dicionarizado e atrelado às suas estruturas, gerando impressão de posicionamento reacionário diante das mudanças. A imagem, todavia, situada além das fronteiras da língua, em certo sentido ampliam, consideravelmente, as limitações intrínsecas ao verbo, sobretudo aquelas de cunho ideológico.

Embora a literatura jamais tenha se privado das possibilidades de mudança, sobretudo por não ter compromissos com realidades postas ou pressupostas, sempre esteve condicionada às ideologias subjacentes ao *thesaurus* linguístico, isto é, ao material lexical do qual extrai seu vocabulário e que, em certo sentido, pré-definem posições. A exceção do politexto, que recorre a mais de uma linguagem expressiva, o material da literatura, enquanto arte, é prioritariamente a língua. E apesar de Barthes (2007) sugerir que a única maneira de “trapacear” a língua seja através da literatura, tal como observado acima, a leitura – e mesmo os processos metalinguísticos – reativam ancoragens etimológicas, antropológicas, ideológicas, historicamente erguidas e condensadas na língua.

No caso de *Fipps der Affe* de Wilhelm Busch estamos diante de uma produção que emprega mais de uma modalidade semiótica – aqui chamada de politexto com

base em Moore (2010) e Molinié (2009). Tal opção terminológica permite ao autor o reemprego de procedimentos já utilizados por copistas, fabulistas ou por todos aqueles que empregaram o desenho como recurso expressivo para iluminar seus textos, seja por meio de expansões situadas além das fronteiras da mimesis, seja por representações espelhadas nas realidades ou na ilusão consciente a respeito da imanência: fontes da arte.

Segundo Demo (2011), as expectativas pós-modernas preconizam que toda definição será sempre aproximativa, tendo em vista que nenhum fenômeno possui contornos nítidos, muito menos fenômenos antropológicos, culturais e sociais. A asserção de Demo vai ao encontro das possibilidades de manipular as ideologias e os poderes inerentes à língua através da literatura (cf. Barthes, 2007), procedimento marcado na arte de Wilhelm Busch pela sequencialidade de ambas as categorias semióticas empregadas por esse autor, a saber: o texto codificado (escrito) e texto imagético livre e ancorado. Neste sentido, a dialética se torna condição para o estabelecimento de novas realidades resultante de encontros entre culturas.

O fantástico, marcado, seja por entidades mitológicas, seja por exposições daquilo que se considera mostrengo, ou seja, para ser exibido, a partir do século XX, progressivamente migra para a arte sequencial, para o cinema e mais recentemente para as páginas da *web*, uma vez que a exposição de seres humanos foi coibida de forma legal. O que não significa o fenecimento ou o desaparecimento do *freak show*. Os espetáculos de horrores simplesmente assumem outras roupagens e são veiculados por meio de outras mídias que, em certa medida, atenuam o caráter sensível dos textos por continuarem a ser tolerados, ou pelo fato de ainda contornarem as instâncias de controle.

Pode-se supor que as personagens literárias abrem mão de sua privacidade e de seu status – mesmo que eventualmente possam remeter à representação de pessoas – permitindo circulação e tratamento mais amplo. Porém, isto não significa que os processos alusivos, remissivos ou indutivos, passíveis de afetar susceptibilidades e, dependendo do caso, infringir a ética e o decoro por meio de relações e verossimilhanças, acarretem acusações de que algo está a ferir as leis ou as pretensas correções politicamente estabelecidas. Tal premissa poderia ser aplicada não somente a *Fipps der Affe* de Wilhelm Busch, mas também a produções de autores como Monteiro Lobato. Naturalmente, as apreciações dependerão do tratamento que

se concede ao texto e às suas extensões. Se tratados como documentos integrados a uma história literária, por exemplo, a compreensão das transformações sociais afastaria e/ou reduziria julgamentos de juízos de valor negativos ou posturas inquisidoras. Diferentemente, o exame de um texto passado, à luz de pressupostos atuais, isto é, deslocados temporalmente, parece não trazer nenhum benefício à compreensão antropológica e cultural da evolução das sociedades. O advento da noção das diversidades, sejam elas ligada às línguas, sejam ligadas às presenças físicas, surgiram sobretudo após o período cognitivista. O marco 1968 abriu as portas para a instauração do funcionalismo e para a importância das diversidades.

3. Tradução e paratradução de *Fipps der Affe* de Wilhelm Busch

Fipps der Affe, assim como os outros trabalhos de Wilhelm Busch são elaborados a partir de texto codificado (escrito) fundido ao texto imagético semi-ancorado, situando a obra desse autor como fonte seminal para a instauração do gênero quadrinhos. A história reúne uma série de personagens que se envolvem em tramas humorísticas elaboradas com vistas à geração do riso, através do recurso à ironia, ao sarcasmo e principalmente ao humor negro. Ademais, a caracterização das personagens dessa história confronta o primitivo com o moderno, o animal com o homem. As comparações explícitas, todavia, parecem romper com as estratificações binárias clássicas, muitas delas de cunho religioso, que colocam a personagem humana, civilizada, no topo da hierarquia e, abaixo dela, as figuras primitivas: autóctones e demais animais.

Wilhelm Busch promove oscilações em suas representações que afetam quase todas as cenas que propõe, antecipando algumas das visões ditas pós-modernas, que apontam para o caráter elástico de qualquer argumento, seja ele científico ou cotidiano. As categorias de base, isto é, as denotações que Wilhelm Busch emprega são internas a seu micro-universo, não se baseiam em definições culturalmente canônicas, ou miméticas, instauradas e compartilhadas por acordos sociais, culturais ou ideológicos, sobretudo se examinados à ótica das políticas atuais. Wilhelm Busch, antecipando-se às vagas desconstrutivistas, simplesmente desmonta a ordem do esperado. As contravenções que propõe, rompem com os costumes, tomando como égide de preservação de sua arte as atenuações autorizadas pelo grifo, pela ingenuidade superficial que as imagens possibilitam: uma espécie de *art naif* que, em

certo sentido, destaca o lado mais perverso das ideologias, e pontualmente aquele que não é facilmente percebido ou que se pauta como de difícil explanação.

Politicamente, a profundidade da crítica de Wilhelm Busch evidencia o processo científico de construção de modelos teóricos e metodológicos instaurados como abrigo, segundo Demo (1994), para expor as “boas intenções” das pretensões ocidentais para o tratamento científico e captação das realidades situadas fora do escopo europeucentrista. De fato, pode-se vislumbrar muralhas de poder instauradas à égide de propostas pretensamente científicas e tecnológicas, mas de cunho visceralmente colonizador.

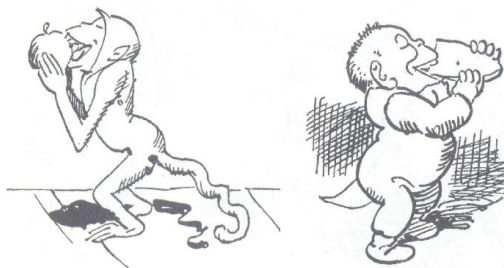
4. Considerações finais

Em *Fipps der Affe*, Wilhelm Busch destaca a impossibilidade de se definir padrões que permitam categorizar formas e comportamentos de maneira definitiva, nem mesmo a partir de bases miméticas. Ademais, a apreciação de textos elaborados em tempos e espaços diferentes daquele em que se situa o observador, demanda que se considerem as configurações que permearam seu surgimento e que mantêm sua existência.

Em geral, toda e qualquer ruptura é passível de gerar mudanças de paradigma, capazes de fazer oscilar os status das personagens apresentadas nos textos ao longo do tempo, assim como das condições antropológicas, políticas e sociais que o permeiam. Como observa Yuste Frías (2010), enquanto objetos históricos e literários, parece pertinente que em todo processo tradutológico se examine os componentes linguísticos dos textos, mas também e principalmente os entornos em que se desenvolveram. Um exemplo atual e paralelo remete às observações lançadas sobre temas presentes na obra de Monteiro Lobato, cujo tratamento exigiria reflexões apuradas e teoricamente sustentadas. Examinados à ótica das políticas atuais, os trabalhos de Wilhelm Busch provavelmente também seriam alvo de críticas similares, em razão dos conteúdos que veicula. O autor realiza, sem timidez, o cruzamento de traços do autóctone africano com uma espécie de símio, funde também as formas de uma personagem criança com traços do macaco protagonista da história. Wilhelm Busch propõe a animalização do humano; a humanização do animal. Em termos de arte sequencial, o inusitado que emerge das representações que o autor propõe, geram efeitos humorísticos destinados ao riso. Eventuais incompreensões poderão,

talvez, emergir de evoluções pós-modernas que, apesar de preconizarem a valorização das diversidades, parecem paralelamente adotar postura binarista. Polarização dual que, estendidas à pluralidade, setorizam classes e evitam miscigenações, até mesmo em caráter inventivo, ou seja, promovidas pela arte. Rajagopalan (2004) argumenta, por exemplo, que se as línguas intercambiam umas com as outras, qual a razão para se evitar a miscigenação entre os povos? Neste sentido, as fusões promovidas por Wilhelm Busch poderiam ser tomadas como movimento de desmonte de barreiras desnecessárias, senão no plano político, ao menos em termos de expressão artística.

A imagem que segue condensa algumas das argumentações propostas neste artigo em relação à pergunta: humor ou preconceito?



1. Fipps e bebê humano

REFERENCIAS

- ADAM, J.-M. **La linguistique textuelle** - Introduction a l'analyse textuelle des discours. Paris, Armand Colin, 2005.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza de Toward a Philosophy of the Act. Austin: University of Texas Press, 1993.
- BARTHES, R. **Texte** (Théorie du), Encyclopaedia Universalis, 1973.
- BARTHES, R. **O prazer do texto**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BARTHES, R. **Aula**. Trad. PERRONE-MOISÉS, Leyla. Ed. Cultrix. São Paulo, 2007.
- BATAILLE, G. **Documents**. Paris: n. 07, Décembre de 1929/1930.
- BERGSON, H. **O riso**. Ensaio sobre a significação da comicidade. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BERMAN, A. **A prova do estrangeiro**: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin. Tradução de Maria Emília Pereira Channut. Bauru: EDUSC, 2002.

BERMAN, A. **La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain**. Paris: Editions Gallimard, 1995.

DEMO, P. **Pesquisa e construção do conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

FALEIROS, A. S. **A tradução de poesia no Brasil: a invenção de uma tradição**. Palestra proferida no Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC - Programa de Pós- Graduação em Estudos da Tradução – PGET. Florianópolis, 29 de julho de 2011.

GENETTE, G. **Palimpsestes**. La littérature au second degré. Paris: Seuil, 1982.

GENETTE, G. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

KRISTEVA, J. **Le Texte du Roman** - Approche sémiologique d'une structure transformationnelle. Paris: La Haye-Paris, Mouton, 1976.

KRISTEVA, J. **La Révolution du langage poétique**, Paris, Seuil, 1974.

MOLINIÉ, M. (éd.). **Le dessin réflexif**. Élément pour une herméneutique du sujet plurilingue. CRTFEncrages, Paris: Belles Lettres, 2009.

MOORE, D. **Multilingual literacies and third script acquisition**: young Chinese children in French immersion in Vancouver. Canada: International Journal of Multilingualism, 7(4), p. 322-342, 2010.

PROPP, V. I. **Comicidade e Riso**. Tradução: Aurora Fornoni Bernardini; Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma lingüística crítica**: linguagem, identidade e questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

RIFFATERRE, M. **Semiotics of Poetry**. Bloomington; London: Indiana University Press, 1978.

RIFFATERRE, M. **La Production du Texte**. Paris: Seuil, 1979.